

Uma Escrita Sistêmica da Arte Contemporânea

Maria Amelia Bulhões

RESUMO

Os pressupostos teóricos e metodológicos da elaboração do livro *Arte Contemporânea no Brasil*, de minha autoria, são apresentados neste texto, colocando em evidência as reflexões e o desenvolvimento de minha trajetória de pesquisa desde o mestrado e o doutorado. Busco destacar também as posturas e decisões que norteiam esta escrita que considero fundamental em meu percurso profissional.

Palavras-chave

Arte contemporânea. Sistema da arte. Arte no Brasil.

*

ABSTRACT

The theoretical and methodological assumptions of the creation of the book *Contemporary Art in Brazil*, of my authorship, are presented in this text, highlighting the reflections and development of my research trajectory since the master's and the doctorate. I also try to highlight the postures and decisions that guide this writing that I consider fundamental in my professional career.

Keywords

Contemporary art. Art system. Art in Brazil.

Considero o livro *Arte Contemporânea no Brasil*, escrito por mim e recentemente publicado (segundo semestre de 2019, Editora C/Arte, Belo Horizonte), um importante episódio em minha trajetória acadêmica, pois é o resultado aplicado de uma atividade de pesquisa que venho desenvolvendo há bastante tempo, que apresento aqui como uma proposta de repensar a escrita da história da arte. Nesse sentido, insiro-me na compreensão da necessidade de reescrever as histórias da arte locais, dentro do panorama globalizado da arte contemporânea, na perspectiva desenvolvida por Peter Weibel no livro *The Global Contemporary and the Rise of New Art Worlds*.¹

No desenvolvimento deste texto uma pergunta me acompanhou, orientando sua escrita. Por que apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos de sua elaboração?

Primeiro, porque ele é resultante de uma abordagem que venho desenvolvendo ao longo de minha vida acadêmica e que tenho interesse em reiterar enquanto proposta conceitual. Em toda minha prática reflexiva, desde o mestrado e o doutorado até os dias atuais, tenho buscado compreender as práticas artísticas mais além do artista e sua obra, inseridas em um contexto que denomino sistema da arte, intimamente articulado às condições de sua inserção histórica. Esta abordagem já foi adotada em minha dissertação de mestrado sobre as disputas entre o sistema acadêmico e o sistema modernista no Brasil, durante o Estado Novo². Em minha tese de doutorado³, quando estudei o sistema da arte no Brasil nos anos 60 e 70, desenvolvi esta metodologia mais detalhadamente, elaborando um conceito que pude definir da seguinte forma:

...conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos, por eles mesmos rotulados como artísticos e, também, pela definição dos padrões e limites da Arte para uma sociedade, ao longo de um período histórico. (BULHÕES, 1990, p. 17)

O conceito de sistema da arte deve ser pensado como uma modelagem conceitual que nos proporciona uma maior compreensão e amplia as possibilidades de análise e explicação de determinada realidade. De forma semelhante, nos estudos da cosmologia, o conceito de sistema solar nos auxilia a compreender os complexos mecanismos que organizam a dinâmica dos astros que giram em torno do Sol. Ao adotar esta modelagem, busquei uma abordagem que desse conta das dinâmicas e complexidades de processos que os conceitos de campo artístico ou de mundos da arte utilizados por Pierre Bourdieu e Howard S. Becker, respectivamente, tratam de forma mais circunscrita.

A Teoria Geral dos Sistemas, fundamental para o desenvolvimento da abordagem por mim adotada, foi consolidada pelo biólogo austríaco Karl Ludwig Von Bertalanffy, em estudos publicados entre 1950 e 1968. O autor trabalhou sobre o metabolismo, considerando o sistema biológico em interação com o ambiente. A partir de sua discordância com a visão cartesiana de mundo e com a divisão de várias ciências, apresentou um esquema conceitual de alta significação que tem sido utilizado para diferentes áreas do conhecimento. Sua teoria considera as partes como subsistemas e considera seus inter-relacionamentos dentro de um suprassistema, oferecendo uma

¹ Nesta obra o autor apresenta uma teoria de reescrita de diversas histórias da arte locais como forma de superar a hegemonia da tradicional historiografia ocidental de origem europeia e que não consegue dar conta dos fenômenos artísticos nas diferentes regiões do mundo.

² BULHÕES, Maria Amélia. O significado social da atuação dos artistas plásticos Oswaldo Teixeira e Cândido Portinari durante o Estado Novo. 1983.
<<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/publicacoes/dissertacao-de-mestrado-de-maria-amelia-bulhoes/>>.
Acesso em: 27/1/2020.

³ BULHÕES, Maria Amélia. Artes plásticas: participação e distinção Brasil anos 60/70. 1990.
<<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/publicacoes/tese/>>.

ferramenta para estudos dos aspectos de sinergias, em uma análise de ambientes complexos e dinâmicos. O sistema é pensado como um conjunto de partes interagentes e interdependentes que conjuntamente formam um todo unitário com determinados objetivos e efetuando determinadas funções. O pensamento em termos de sistemas desempenha um papel dominante em uma ampla série de campos, que vão desde a biologia e as ciências da Terra, passando pelas ciências humanas até a área empresarial.

A modelagem possibilitada pelo uso do conceito de sistema da arte parece-me dar conta com maior eficácia das dinâmicas que se percebem nessas complexas relações que se estabelecem no campo da arte. Assim, pode-se compreender como o desenvolvimento de um mercado de arte moderna no Brasil, nos anos 1970, se articulou ao desenvolvimento da economia brasileira, durante o que se chamou de “milagre brasileiro”. E como este desenvolvimento do mercado divulgou a produção e consolidou carreira de artistas como Tarsila do Amaral, até então restrita a alguns circuitos específicos de intelectuais. Isso porque o conceito de sistema da arte abarca as conexões entre diferentes instâncias como artistas, obras, mercado e crítica, por exemplo.

Segundo, porque ele responde de alguma forma a algumas inquietações que a partir desses meus estudos trago há longo tempo e que podem ser resumidas em alguns questionamentos. Como reescrever a história da arte pensando nossa realidade, fora de uma subserviência aos padrões hegemônicos? Como construir a integração de pesquisas e de pesquisadores das diferentes regiões do País? É possível desenvolver estratégia para valorizar a arte contemporânea como arte de nosso tempo e do nosso mundo? Como fazer da divulgação de estudos instrumento para ampliar e qualificar público? Essas preocupações com a escrita da história da arte já estavam bem evidentes no artigo que publiquei na revista do Programa de Pós-Graduação em Arte – UnB, em 2008.

Assim como o indivíduo se estrutura pela fala, também as comunidades se constroem por meio dos “relatos” que de alguma maneira inventam de si. Narrar a história da arte não é algo inocente ou objetivo. O que dizemos e escrevemos acerca da arte em nossa região, nosso país, nosso continente? Que ideia temos do que produzimos como arte? Em que medida cada um de nós está comprometido com a história da arte que estamos construindo e ensinando nas escolas e nas universidades? Como realizar a crítica radical deste campo de estudos? Quais os processos e os métodos para essa ação? Partindo dessas questões, desenvolvemos nossa reflexão.⁴ (BULHÕES, 2008, p. 1)

Trabalhando sempre na preocupação de entender a arte em seu tempo e contexto, aproximei-me da arte contemporânea, que exigiu de mim a busca de novas bases conceituais, o que pude encontrar nas teorias da complexidade que fui aos poucos incorporando em meus trabalhos. As concepções de rede⁵ e de ecossistemas⁶ se tornaram decisivas nesses desenvolvimentos, sendo que o desafio das orientações de mestrado e doutorado impulsionaram muitas de minhas reflexões.

Terceiro, porque na pesquisa realizada para a escrita desse recente livro me deparei com farto material sobre artistas, bibliografias e imagens de obras, sem, no entanto, obter muitas articulações entre elas e, muito menos, considerações sobre o

⁴BULHÕES, Maria Amélia. Que história da arte queremos? 2008.

<<https://www.ufrgs.br/artereflecoes/site/2018/11/22/que-historia-da-arte-queremos>>.

⁵ LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/ Bauru; Edufba/ Educ, 2010.

⁶ FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 2, n. 3, p. 102-119, set. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.24978/mod.v2i3.1077>>.

sistema da arte contemporânea. Apesar de considerar essas publicações importantes para o estudo desta produção artística, e ter utilizado muitas delas para obter informações fundamentais de pesquisa, elas não respondiam aos meus questionamentos. Assim, adotei uma metodologia em que trabalho com artistas e obras permeando toda minha análise, articulando essas produções às transformações do sistema da arte e observando como elas promovem sua transformação, dentro de processos históricos da sociedade brasileira. Com isso, faz-se presente uma interconexão entre contexto histórico e desenvolvimento dos modos de produção das práticas artísticas em que recupero pesquisas e estudos recentes, para trazer o leitor até a mais próxima atualidade.

Quarto, porque, desafiada por este campo de reflexões, trabalhei sobre a arte contemporânea como um novo fenômeno no panorama artístico, que implementa uma significativa mudança de paradigma. Utilizando para desenvolver minhas observações a análise das obras de alguns artistas brasileiros e uma ampla análise do que vem se desenvolvendo no panorama artístico nacional, fui articulando essas informações com os desdobramentos de mudanças na sociedade brasileira e no sistema da arte local, sempre tendo em vista as suas conexões internacionais. Fui construindo uma verdadeira rede de relações que aos poucos iam iluminando o meu objeto de análise.

Finalmente, porque adoto uma abordagem sistêmica que pressupõe uma opção metodológica que tem como marco o uso de uma modelagem conceitual que me auxilia a compreender melhor o fenômeno sobre o qual me debruço. Nessa abordagem, as inter-relações entre atores e instituições é mais importante que o enfoque de qualquer um desses aspectos individualmente.

Início discutindo o próprio fenômeno da arte contemporânea, seus limites e contradições e principalmente sua contextualização histórica. Assim, no primeiro capítulo, intitulado “De que falamos quando nos referimos a arte contemporânea no Brasil?”, desenvolvo três subcapítulos. No primeiro deles, “O sistema da arte e arte contemporânea”, retomo aspectos históricos da formação do sistema da arte na Europa e no Brasil para ajudar a compreensão deste conceito estruturante do texto. No segundo subcapítulo, “Um novo paradigma?”, desenvolvo aspectos pelos quais podemos considerar a arte contemporânea como uma ruptura de paradigmas. E finalizo o primeiro capítulo com “Crise dos grandes relatos no mundo globalizado”, onde abordo mudanças nos relatos da arte.

No segundo capítulo do livro, denominado “Algo de novo estava no ar”, tomo como ponto de partida a emergência da arte contemporânea no País nos anos 1960 e 1970, em suas contradições com o estado autoritário que se implantou no País naquele momento, trabalhando com alguns artistas e obras realizadas naquele período. Organizo o capítulo em quatro subcapítulos: “Formas, temas e dinâmicas que impactam”, “Ocupando outros espaços”, “Conceitualismo e experimentalismo” e “Introduzindo novas tecnologias”. Com esta variedade de abordagens procuro cobrir os diferentes fenômenos artísticos emergentes naquele momento.

Seguindo em uma sequência histórica, no terceiro capítulo, intitulado “Mercado de arte, da geração 80 à atualidade”, abordo a emergência de um mercado moderno de arte e o importante papel que este vai assumindo no sistema da arte até o desenvolvimento das feiras internacionais e sua atuação hegemônica na atualidade. Como não poderia deixar de ser, abordo o fortalecimento das redes institucionais como um aspecto fundamental para a legitimidade da arte contemporânea, destacando bienais, museus e a articulação da gestão pública e privada nessas instituições, bem como sua importância na legitimidade do próprio mercado. Esse capítulo está organizado em cinco subcapítulos: “O regime de mercado e o regime de redes”, “A geração 80, entre a liberdade de criação e a absorção pelo mercado”, “Galerias e *marchands*”,

“Internacionalização: feiras e outras estratégias” e “O mercado e as instituições”.

Desdobrando as ideias já apresentadas, no quarto capítulo, denominado “Fortalecimento das Instituições”, exploro as novas configurações institucionais, o empresariamento e a profissionalização do setor. Para esta abordagem organizo quatro subcapítulos: “Museus, centros culturais e coleções”, “Bienais: arte contemporânea e internacionalização”, “Leis de incentivo fiscal e suas repercussões” e “As universidades e a formação dos atores do campo artístico como um todo”.

Para compreender melhor como essas mudanças se articulam a uma produção artística organizada em novos paradigmas, no quinto capítulo, intitulado “Do objeto ao processo – idas e vindas”, busco destacar como os modos de produção da arte vão gestando novas relações e perspectivas artísticas. Para o desenvolvimento dessas reflexões organizo quatro subcapítulos: “Procedimentos e dispositivos”, “Performances, ação e documentação”, “Instalação e *site specific* – ressignificando espaços” e “Coletivos e práticas colaborativas, outras organizações e papéis”. Em todos os capítulos há uma articulação com artistas e obras, mas neste é onde há maior abordagem da produção contemporânea, em termos de análise de suas mudanças formais, estruturais e discursivas.

Finalizo o livro com um sexto capítulo, denominado “A arte fora de si”, em que aponto para a abertura do sistema da arte para produções e práticas tradicionalmente à margem do sistema da arte, mas que na contemporaneidade estão sendo incorporadas, numa perspectiva de pensar a inovação tanto de dentro para fora como de fora para dentro e os limites dessas categorias na arte contemporânea. Para esse desenvolvimento organizei três subcapítulos: “A arte e a rua”, “Meios digitais e interatividade” e “Arte e internet”.

O livro está organizado em seis capítulos, composto cada um deles por subcapítulos, entretanto, por decisões da equipe de diagramação, os subcapítulos não estão listados no Sumário. Nesta apresentação eu me detive de forma detalhada sobre sua configuração, por considerar importante colocar em evidência essa estrutura completa para melhor compreensão do desdobramento de cada capítulos.

No encerramento do livro desenvolvi, ainda, uma espécie de conclusão do texto denominada “Considerações ao final de uma jornada”, que me parece importante para amarrar algumas ideias e colocações dispersas pelo texto. Para completar a leitura e auxiliar na compreensão do livro, foi elaborado um Glossário com 34 verbetes, sintéticos e objetivos, sobre termos bastante específicos, como, performance, web arte, micronarrativas, livro de artista, *street art* etc., que acompanha o texto para esclarecer termos utilizados no livro e que não são de domínio comum. O material se completa com uma bibliografia básica objetiva e atualizada, pois, mesmo sabendo que o livro era dedicado a um público não especializado, considerei fundamental oferecer uma ampla gama de referências que despertem curiosidade e possam contribuir para que o leitor busque uma expansão do conteúdo que está colocado no livro.

Essa estrutura, que foi decisiva para mim em termos de metodologia de trabalho, também é muito útil para conduzir o leitor na leitura do livro. Isso porque a análise que apresento, além de fugir aos esquemas tradicionais de abordagem da arte contemporânea, contém uma complexidade que decorre tanto do objeto tema do livro (arte contemporânea) como das inúmeras informações que vão sendo acrescentadas para a sua compreensão sistêmica. Gostaria de destacar que a seleção dos artistas e obras apresentados no texto não foi feita a partir de meu gosto pessoal, mas levou em conta as temáticas da arte contemporânea que estavam sendo abordadas.

O livro faz parte de uma coleção didática destinada a estudantes do segundo

ciclo⁷, e, assim, conta com orientações pedagógicas dedicadas aos professores, para ajudar no uso do livro com os alunos, que foram escritas por Lucia Gouvêa Pimentel e fazem parte da estrutura da coleção. Esse tipo de publicação pode ser uma forma de promover a qualificação e o preparo de um amplo público para a compreensão da arte contemporânea, tão pouco inserida na cultura brasileira.

A escrita do livro foi feita inicialmente sem o capítulo referente aos anos 60 e 70, em que outro pesquisador seria responsável. Por decisões da editora, este número da coleção não foi feito, e tive que introduzir um novo capítulo no texto já escrito, uma vez que seria impossível falar de arte contemporânea no Brasil sem abordar este decisivo momento de sua emergência. Como esse foi o tema de minha tese de doutorado, não foi tão difícil fazê-lo, mas acarretou um atraso na conclusão do texto final. Além disso, houve muita dificuldade em termos de obtenção de autorizações para o uso das imagens por parte de alguns artistas, instituições ou fotógrafos, e, assim, algumas obras e alguns artistas citados no texto não têm imagem no livro. O processo de obtenção das imagens por parte da editora se alongou por mais de dois anos. Assim, um contrato assinado em 2012 foi concluído em 2019. Algumas defasagens podem ser observadas por conta disso, mas arte contemporânea sempre contará com defasagens, pois a realidade dessa produção se modifica em fluxo contínuo. Por isso, penso que uma coisa importante no texto não foi abordar o mais atual, mas expandir a compreensão do fenômeno em si, abrindo perspectivas para o leitor desenvolver seu interesse e realizar outras buscas.

Gostaria de deixar claro que não tive a mínima ingerência na diagramação do livro, que me foi apresentado pronto e sem possibilidade de qualquer mudança. Assim, aspectos da sua visualidade não correspondem à concepção formal que considero adequada, entretanto, no conjunto, considero este livro uma importante contribuição ao campo das artes visuais em termos de suas difusão e formação de público. Aliás, esta é uma tarefa que a coleção *Historiando a Arte no Brasil*, da Editora C/Arte, vem cumprindo de forma bastante eficiente. Tenho orgulho de estar nesta coleção que engloba pesquisadores importantes da história da arte no Brasil, escrevendo para um público não universitário, nem específico de artes visuais. A meu ver, essa é uma atuação muito relevante em termos de construção de uma sociedade mais democrática e igualitária, entretanto, o valor do livro deveria ser bem mais baixo para alcançar esse seu objetivo primeiro.

Creio que foi bastante importante no desenvolvimento da escrita deste livro a coluna semanal que mantive durante três anos, no *Jornal on-line Sul 21*. Ali, desenvolvi uma experimentação sobre formas de tornar meu texto mais claro e objetivo para alcançar um público leigo, que precisava de mais informações para acessar as artes visuais de forma prazerosa e qualificada. Este desafio, para um professor universitário, acostumado a um leitor mais especializado, foi fundamental, pois exigiu de mim o desenvolvimento de outro tipo de escrita, que aparece no texto do livro. Essa preocupação com a difusão do conhecimento e a formação de público para as artes visuais faz parte permanentemente de minha atuação profissional, e, assim, mantenho o *site* *Artereflexões*⁸, para divulgação de toda minha produção intelectual, disponibilizando textos atuais e antigos, que muitas vezes são de difícil acesso. Criamos, ainda, em 2018, o *site* *ConectartBR*⁹, onde são colocadas postagens sobre o desenvolvimento da pesquisa atual sobre arte e internet no Brasil, e nele é possível observar a pesquisa sendo feita.

Pelas preocupações na difusão das artes visuais e a formação de público que sempre tive e cada vez mais desenvolvo, no livro *Arte Contemporânea no Brasil*, em uma

⁷ Coleção *Historiando a Arte Brasileira*, da Editora C/Arte de Belo Horizonte.

⁸ Acesse em: <<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/>>.

⁹ Acesse em: <<https://www.ufrgs.br/conectartbr/>>.

perspectiva de atrair e prender o leitor, procurei colocar em evidência processos e funcionamentos do sistema da arte articulados ao contexto histórico, sem tornar o texto cansativo e excessivamente erudito. Cada capítulo foi concebido como uma unidade, que se articula aos demais, que podem ser lidos separadamente sem perda de conteúdo ou compreensão. Com isso propus diferentes portas de entrada para a arte contemporânea que se faz no Brasil.

Encerrando esta comunicação, gostaria de observar que o desenvolvimento do texto deste livro não poderia ter sido como foi sem os aportes decorrentes de minha experiência profissional, principalmente através das atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa¹⁰ que coordeno e que envolve meus orientandos e os desafios que eles me colocam com suas reflexões, seus questionamentos e diferentes objetos de pesquisa. Também a organização escrita e a publicação do livro *As novas regras do Jogo: o sistema da arte no Brasil*, em 2018, pela Editora Zouk, que realizei junto com alguns de meus orientandos que participaram comigo como autores neste projeto, muito contribuíram para consolidar minhas reflexões. Como ponto decisivo deste conjunto de atividades do nosso GP, a organização dos primeiro e do segundo Simpósio Internacional de Relações Sistêmicas da Arte (SIRSA) – Arte Além da Arte, em 2018 e 2019¹¹, fortaleceram minhas convicções sobre a coerência e o acerto nas diversas decisões tomadas na escrita deste livro. Por isso gostaria de finalizar essa apresentação agradecendo aos meus colegas e alunos que ao longo desses anos vêm dialogando comigo, questionando minhas ideias e colocando desafios para minha reflexão. O conhecimento, embora às vezes possa parecer resultante de trabalho solitário e produzido de forma individual, é sempre resultado de processos coletivos. Agradeço, também, a todos os colegas do Comitê Brasileiro de História da Arte, um espaço de trocas muito rico e estimulante, e conviver com vocês tem sido uma alegria e uma oportunidade de crescimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTEREFLEXOES <<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/>>.

BELTING, Hans; BUDDENSIEG, Andrea; WEIBEL, Peter. *The Global Contemporary and the Rise of New Art Worlds*. Cambridge: MIT Press, 2013.

BULHÕES, Maria Amélia. *Arte Contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.

_____. Que história da arte queremos? *Pós*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB. Belo Horizonte, 2008.

FETTER, Bruna. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 2, n. 3, p. 102-119, set. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.24978/mod.v2i3.1077>>.

¹⁰ Territorialidade e subjetividades. Grupo de pesquisa existente desde 1999, registrado no Diretório do CNPq.

¹¹ Anais e maiores informações nos sites: <<https://1simposioirsablog.wordpress.com/> e <https://2simposioirsablog.wordpress.com/>>.

GARCIA BULHÕES, Maria Amelia. O significado social da atuação dos artistas plásticos Oswaldo Teixeira e Cândido Portinari durante o Estado Novo, 1983.

<<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/publicacoes/dissertacao-de-mestrado-de-maria-amelia-bulhoes/>>.

_____. Artes plásticas: participação e distinção Brasil anos 60/70, 1990.

<<https://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/publicacoes/tese/>>.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru; Edufba/ Edusc, 2010.